

SEMELHANÇAS ENTRE O EDUCADOR E O PSICOTERAPEUTA: A DIMENSÃO DO CURADOR FERIDO NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Victor Hugo Sampaio Alves

Universidade Federal da Paraíba
victorweg77@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa elucidar alguns pontos acerca da educação emocional, sobretudo do papel do educador como mediador das emoções de seus educandos. Trata-se de um trabalho qualitativo e investigativo que se propôs buscar correlações entre a figura do educador e a do psicoterapeuta, abrangendo seus aspectos emocionais. Será ressaltado como, nesse processo, o educador assume uma postura análoga à do psicoterapeuta em um setting terapêutico, construindo, assim, uma relação dialógica com o educando. Nessa relação, entram em contato dois sistemas psíquicos que dialogarão, se tocarão e se transformarão. Será adotado um viés analítico, juntamente de outro, fenomenológico, para que a relação educador-educando seja compreendida de maneira abrangente e, na medida do possível, totalizadora. Apoiando-nos em autores como Martin Buber e Carl Gustav Jung, analisaremos o contexto interacional do educador e do educando, relacionando este último à figura mitológica e arquetípica de Quíron, o curador ferido. Na mitologia, trata-se de uma criatura com sabedoria e capacidade de cuidar das feridas e enfermidades de todos, exceto da sua, que é, de fato, irreversivelmente mortal. Explicaremos, em seguida, a razão de considerarmos o educador como emocionalmente ferido, alegando a importância deste último fato no processo de mediação e construção da educação emocional deste com seus educandos. Serão abordados conceitos como a interação fenomenológica do Eu-Tu e a relação arquetípica, ambos relacionados à capacidade de situar educador e educando numa relação de verdadeiro aprendizado das emoções, ultrapassando o saber instrumental e alcançando a premissa de que, para ensinar e aprender, é necessário sentir. Ao concluir o trabalho, mostraremos como o educador manifesta-se enquanto figura teoricamente capaz de assumir essa postura arquetípica ao construir sua relação com o educando, atuando, graças às suas próprias feridas, como facilitador emocional.

Palavras-chave: Educação emocional, curador ferido, educador, Quíron.

INTRODUÇÃO

Ao se pensar no contexto escolar propriamente dito, muitas vezes, quando se fala em afeto ou emoção, tais termos são vistos como elementos que permeiam exclusivamente a relação professor-aluno. Por mais que tal concepção possua, de fato, seu valor, é necessário pensar nos elementos dialógicos que surgem dessa relação, bem como as transformações que acometerão, a partir desse ponto, tanto professor quanto aluno.

Diversos estudos, desde os conduzidos por Juan Casassus em nome da UNESCO, têm demonstrado a importância de que se proporcione um ambiente emocional adequado para o aluno, já que ele é um imprescindível fator facilitador do processo de aprendizagem. Assim, pode-se dizer, em suma, que ao longo de sua caminhada investigativa acerca do papel da emoção na aprendizagem, a ciência tem apontado para o fato de que o ser humano é movido por suas emoções em tempo integral (Gonsalves; Souza 2015).

No que diz respeito ao conceito de emoção, compactuaremos com a definição de que “As emoções são reações que temos mediante informações que recebemos, sendo que essas informações surgem a partir das relações que estabelecemos com o entorno” (GONSALVES; SOUZA, 2015, p.90). Especialmente importante para o desenvolvimento do presente trabalho será a ideia da emoção do amor, visto que estaremos pensando a relação educador-aluno como análoga à relação psicoterapeuta-paciente e, portanto, edificada sobre o amor enquanto demanda e também enquanto instrumento. Este será entendido, para nós, como a emoção que remete ao homem relacional que forma inevitavelmente vínculos solidários com a figura do outro, constituindo uma prática, vivência e um exercício permanente de cuidar pessoal, social e politicamente deste outro (Gonsalves; Souza 2015).

Contudo, cabe aqui uma importante diferenciação. Apesar de visarmos uma analogia da figura do psicoterapeuta à do educador, não estamos afirmando, de forma alguma, que os processos não possuam suas diferenças em método, objetivo e modelo de conduta interacional. Algumas semelhanças, no entanto, são notáveis. Consideraremos a definição de Jung, segundo o qual “a psicoterapia trata-se de um processo dialético (...) em que a pessoa é um sistema psíquico que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico” (JUNG, 2013, p1).

Certamente que o processo de educação, por mais que remeta as duas partes dessa interação – educador e aluno - a objetos interiores e exteriores diferentes daqueles visados pelo processo psicoterapêutico, ainda assim ele se encaixa nesse modelo dialético de interação entre sistemas psíquicos. Será de nosso interesse analisar, como resultado dessa interação, a possibilidade do educador encontrar-se num movimento semelhante ao do psicoterapeuta: manifestando, em sua psique, uma relação com a figura arquetípica do curador ferido.

Nosso olhar se voltará, portanto, para essa dimensão arquetípica presente de maneira viva na psique tanto do educador quanto do psicoterapeuta. Chamaremos de arquétipos os conteúdos essenciais do inconsciente, mais precisamente do inconsciente coletivo, que seriam conteúdos arcaicos e primordiais que constituem imagens universais formadas e carregadas pela mente humana (Jung, 2014). Visando complementar este conceito de arquétipo, nos utilizaremos do Dicionário Junguiano: “um conjunto de formas e categorias responsáveis por regular o espírito humano, um modelo das coisas sensíveis que existem na mente do homem e que se apresentam enquanto predisposições originárias” (PIERI, 2002, p. 131).

Por fim, é importante que se defina também aquilo que estamos concebendo como a figura do curador ferido. Relembremos brevemente da narrativa clássica de Quíron:

Corônis, engravidada por Apolo, tem, no entanto, um caso amoroso com Ísquis; quando Apolo toma conhecimento disto, mata-a. Um pouco antes porém da morte de Corônis, já na pira funerária, Apolo se

enche de remorsos e resgata, através de uma incisão cesariana, seu filho ainda não nascido. Esculápio é então entregue a Quíron, o centauro, para ser educado. Quíron já é conhecido e versado na arte de curar, e habita uma caverna no cimo do Monte Pelion (GROESBECK, 1975, p.74-75).

Quíron era uma contraditória figura da mitologia grega. Apesar de ser um deus e praticar a arte da cura, sofria de uma incurável ferida. Havia até mesmo uma planta batizada com seu nome, “chironion”, a qual, segundo as narrativas mitológicas, era capaz de combater qualquer veneno de cobra e até mesmo curar feridas causadas por flechas envenenadas – algo com o qual o próprio Quíron sofria -. Mas a ferida de Quíron, propriamente dita, era incurável. Este é o detalhe trágico de sua estória: o seu mundo, apesar de conter inesgotáveis possibilidades de cura, era também um mundo da doença eterna (Grosbeck, 1975).

Dessa forma, no presente trabalho é nosso objetivo ressaltar como, em analogia ao processo psicoterapêutico –onde o psicoterapeuta assume o papel de Quíron -, o educador, no ambiente e contexto de aprendizagem, tenta curar e guiar emocionalmente seus alunos, apesar de ter, ele mesmo, suas feridas incuráveis.

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho qualitativo e investigativo que se propôs buscar correlações entre a figura do educador e a do psicoterapeuta, abrangendo seus aspectos emocionais. Mais especificamente, abordaremos, no presente estudo, as feridas causadas no educador ao longo deste processo. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica de autores que tratam dessa questão interacional e dialética, como Martin Buber, Carl Gustav Jung e Richard Hycner. Em acréscimo, também foram buscados trabalhos oriundos da psicologia analítica para os momentos em que foi preciso esclarecer as analogias entre a prática psicoterapêutica e o contexto de aprendizagem, bem como as atribuições e consequências na psique do sujeito – psicoterapeuta ou professor – que encarna a figura arquetípica do curador ferido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discorrendo sobre a importância da psicologia analítica no contexto educacional, o próprio Jung deparou-se com uma dificuldade na realização do processo educativo, que deveria “abordar, em poucas teses, sobrecargas de conteúdo” (JUNG, 2013, p. 53). Para o autor, a educação era importantíssima enquanto auxiliar no processo de desenvolvimento da consciência, pois o contexto

educacional é o primeiro ambiente onde a criança aprende a encontrar-se fora de sua família. Nesse processo, a criança passa a se conhecer cada vez mais, aprendendo a ter si mesma como referência e a situar-se no mundo, construindo, aos poucos, sua estruturação interna (Vergueiro, 2009).

Certamente que esse aprendizado iniciado pela criança no contexto escolar está intimamente ligado, também, às suas faculdades emocionais. É durante essas primeiras fases de autoafirmação em que, dentre as propriedades supracitadas, a criança terá o ambiente propício para conhecer suas emoções e suas vias de expressão. Trata-se de um dos primeiros ambientes onde o educando aprende, por exemplo, a vivenciar e expressar sua emoção de amor que, lembra-se, é justamente a “emoção que remete à imagem do homem relacional e à vinculação solidária com o outro” (GONSALVES; SOUZA, 2015, p.92).

Nesse momento em que se começa a criar uma independência emocional – por menor que seja – da criança em relação à sua família, o papel do educador é imprescindível. É muito importante que ele esteja consciente não somente da sua influência enquanto exemplo no trato das emoções, mas também sobre sua atuação sobre a personalidade da criança, pois é com a figura do educador que a criança desenvolverá um campo de atuações onde poderá colocar suas próprias emoções, experimentando-as com a figura do educador. Daí surge a afirmação de Jung, de que a educação psíquica só pode ser assumida e conduzida pelo professor (Vergueiro, 2009).

Pensando esse contexto interacional e de campo formado entre educador-aluno, Martin Buber oferece esclarecimentos que convergem com os de Jung, embora por outro viés, este fenomenológico. Para Buber, esse contexto, chamado por ele de “primitivo” é o da relação que será situada entre o Eu-Tu. O autor caminha para uma ética do inter-humano, ressaltando que o homem é um ente de relação, ou então, que a relação Ihe é essencial e fundamento de sua essência. Tal relação não é uma propriedade do homem, mas sim algo que está entre a consciência e o mundo ou o objeto; nessa visão, a relação é também um evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta (Zuben, 2015).

No desenvolvimento da educação emocional, é nesse parâmetro que o educador se situará juntamente da criança e vice-versa: no desenrolar do Eu-Tu, enquanto este surgir como fenômeno interacional e dialógico, culminando na experiência do inter-humano. O inter-humano se realiza, segundo Buber, quando acontece o encontro mútuo entre as duas partes constituintes do Eu-Tu. Impossível pensar neste encontro mútuo, capaz de dar vazão aos conteúdos emocionais no contexto educacional, sem pensar na reciprocidade. Esta é a marca definitiva da atualização do fenômeno, constituindo o momento em que ele torna-se categoria ontológica e onde, portanto, é possível a confirmação ontológica dos dois pólos envolvidos no evento da relação (Zuben, 2015).

Sendo este mundo nada mais do que objeto de uso e experiência, é por meio de sua manipulação que a criança ou qualquer sujeito em contexto educacional aprenderá a situar suas

emoções e a desenvolvê-las de maneira dialógica. Assim, na perspectiva de Buber, há uma exigência da qual a educação não pode se furtar: ela deve reconhecer que os preceitos segundo os quais o indivíduo é formado nunca são dados de maneira pronta e não se encontram, portanto, definidos; eles devem passar pela experiência e pelo crivo da situação que, por ser humana, é sempre única e singular. Em suma, isso nada mais significa a não ser uma exigência formativa, de que o indivíduo reconheça e conheça os princípios éticos e morais na concretude do existir (Santiago, 2008).

Portanto, torna-se impossível fazer uma cisão entre o ser humano, em seu processo de educação emocional, e sua experiência concreta e fenomenológica da interação com o outro, onde ele descobrirá como se constituir no trato emocional. Tampouco é viável separar a instância emocional de qualquer outra parte do processo educacional: “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista” (FREIRE, 1996, p.146).

Ora, constatados tais fatos, de que a educação não pode estar separada da emoção e dos modos de senti-las, vive-las e manipulá-las; que o aprendizado emocional começa ainda na escola, no processo de separação, autoafirmação e independência da criança em relação ao núcleo familiar, e atua na construção e desenvolvimento da consciência e da psique; e, por último, que deve se situar numa relação dialógica com o educador, encarnada numa concretude e na experiência do fenômeno, então seria incoerente pensar esse processo sem envolver o outro lado em contrapartida: o do próprio educador. Não haveria como ele estar alheio às influências e impressões causadas durante esse processo vivencial, encarnado por ele inúmeras vezes. Portanto, vale ressaltar que, não estando ele alheio a este encontro, o exercício de educar também é, para o educador, um exercício espiritual (Röhr, 2012).

A figura do educador depara-se, neste momento, com a parte paradoxal de sua profissão. Ele encontra-se sozinho com as emoções despertas nele após tantos encontros de natureza dialógica, após assumir o papel de mediador e facilitador entre o educando e as próprias emoções. Neste quesito, assemelha-se muito à figura do psicoterapeuta:

“(...) ele busca respostas definidas. Não encontra nenhuma, pois esses são os paradoxos inerentes à prática da psicoterapia(...) O cerne desses paradoxos é que, em um único ser humano, deve ser cuidadosamente integrada uma série de características humanas aparentemente conflitantes. É da essência da prática psicoterapêutica evocar fortemente a tensão de polaridades opostas – muitas vezes de tal forma que se tem a impressão de que irão dilacerar a sensibilidade do terapeuta” (HYCNER, 1991, p.27).

Sustentaremos a ideia de que, no seu manejo de facilitador no processo de educação emocional o educador, similar ao psicoterapeuta, encontra-se diante de intermináveis exigências impostas a si segundo a demanda de seus educandos. O educador encontra-se frequentemente exposto a situações que lhe proporcionam (re)viver seus próprios conteúdos emocionais internos. Certamente é possível, a partir da experiência, suportar com menos dor essas tensões geradas no seu encontro com as emoções de seus educandos, mas elas não são nunca resolvidas de fato e por completo.

O paradoxo primordial que está no cerne de tais tensões é a presença simultânea das dimensões “subjetiva” e “objetiva”. Similar ao processo de cura na psicoterapia, o manejo do educador frente aos educandos durante o desenvolvimento de sua educação emocional requer, até mesmo exige, um grande envolvimento pessoal de sua parte enquanto, ao mesmo tempo, é necessário manter a objetividade apropriada (Hycner, 1991). Se aprender de verdade significa, realmente, algo além de meramente adquirir habilidades e conhecimentos práticos e instrumentais, mas aprender a entender-se e a situar-se no mundo, aprendendo a lidar consigo mesmo de maneira sadia, então, para aprender é necessário sentir (Chabot; Chabot, 2005).

Para isso, o educador deve posicionar-se de maneira a manter uma “presença-distanciada”, estando pleno e totalmente presente no contexto educacional, e, simultaneamente, ser capaz de refletir acerca das próprias emoções que está experienciando nesse momento (Hycner, 1991). É uma atitude de entregar-se às emoções do educando e deixar que ele perceba o impacto de suas manifestações nesse encontro com seu educador, para que possa reavaliá-las e aprender a estar com elas e expressá-las. Contudo, apesar de atuar como esse espelho, o educador deve manter uma atitude crítica a respeito de si mesmo e das experiências que passam por ele, pois obviamente ele não encontra-se imune.

Seguindo esse fluxo, a imagem do educador caminha aos poucos até manifestar-se, então, como a de Quíron, o curador ferido:

Ele é alvejado acidentalmente por uma flecha envenenada lançada por Hércules, seu discípulo, e adquire uma ferida incurável, que o prostra numa dor sem fim. Imerso na dor, o imortal Quíron procura desesperadamente preparar algum remédio que cure sua chaga. Ironicamente, porém, quanto mais busca uma fórmula eficaz para si, mais ele encontra soluções para as enfermidades de outras pessoas. Daí ele ser chamado de “Curador Ferido”. Em suma, a partir dessa experiência dolorosa, Quíron torna-se capaz de se sensibilizar com a dor dos demais, tornando-se um sábio curador (OLIVEIRA, 2007, p.7).

Operando de um lugar muito parecido com esse, o educador transforma suas próprias experiências emocionais, negativas ou não, em algum tipo de conteúdo que será utilizado em seu manejo com as emoções dos educandos. Se tudo é encontro, se toda vida atual é encontro e é, portanto, nele em que a vivência emocional se dá, então o Eu se realiza na relação com o Tu, é tornando Eu que digo Tu (Zuben, 2015). Nesse paradigma buberiano é que o educador, esse grande curador ferido, pode se consolidar enquanto Eu e ir em sua inteireza para o encontro com o Tu, passando adiante o ensinamento de que esse sujeito, o educando, deve também tornar-se um Eu.

Por isso afirmamos que o papel do educador no processo de educação e desenvolvimento emocional se assemelha ao do psicoterapeuta e ao de Quíron: ele parte de encontro ao ferido, o acolhe, cura suas feridas, manda-o embora e depois fica a pensar nos próprios machucados. Em suma, trata-se de uma figura “que testemunha uma busca milenar que encontra na solidariedade para com a dor do outro seu próprio caminho de humanização” (OLIVEIRA, 2007, p.48).

CONCLUSÕES

Partindo da premissa de que o olhar voltado à educação emocional deve ser parte integrante de qualquer processo educativo, por ser, de fato, favorável à aprendizagem (Gonsalves & Souza, 2015), adotamos no presente estudo a perspectiva do educador.

Fizemos uso tanto da perspectiva junguiana quanto da buberiana, na busca de traçarmos certos parâmetros, vindos respectivamente da psicologia analítica e da fenomenologia, que oferecessem uma leitura deste encontro entre educador e educando. Para Jung, o papel do educador era fundamental e atuava de maneira semelhante à interação psicoterapêutica, proporcionando uma dinâmica entre dois sistemas psíquicos que se tocam, se influenciam e se transformam a partir de então. A perspectiva de Buber, por sua vez, trabalha com a ideia do desenrolar entre o Eu-Tu, culminando num encontro e processo dialógico entre as duas partes. Esse fenômeno interacional caminha rumo ao inter-humano, contexto onde acontece, além de outras coisas, a troca de experiências emocionais que, mediadas pelo educador, servirão enquanto aprendizado.

Conforme elucidamos, apesar de situar-se nessa interação, sempre dialógica, enquanto figura do saber e responsável por certo manejo e mediação, o educador não passa por esse processo sem que seja, também, impactado por ele. Longe de estar imune, o educador precisa atuar enquanto um espelho, enquanto sujeito de resposta para os educandos que estão aprendendo a experimentar suas emoções na interação com o outro; e ainda assim precisa estar atento às próprias feridas emocionais, sendo elas oriundas diretamente desse processo ou não.

Portanto, mesmo estando sujeito às suas próprias feridas emocionais, o educador põe-se a trabalhar a educação emocional de seus educandos, visando aplacar e minimizar as enfermidades

destes enquanto não pode, ele mesmo, curar-se por completo. Assim, o associamos à figura mitológica de Quíron, o curador ferido. Na mitologia grega, Quíron era um centauro curandeiro que, apesar de saber curar as mais diversas feridas, não conseguia, ele mesmo, curar-se da flecha venenosa cravada em sua perna. Assim, também desejamos apontar que, justamente porquê o educador foi sujeitado, assim como Quíron, às experiências das próprias feridas, aprendeu a curar o outro por meio dessa solidariedade de quem sabe o que é sentir dor. O encontro fenomenológico do Eu-Tu; a interação construtiva entre dois sistemas psíquicos; ou qualquer outro nome que se dê a essa interação educador-educando, o importante é que nela se realizam as possibilidades de cura dos sujeitos por meio da interação entre as feridas de ambos.

Sendo assim, o contexto da educação emocional propicia, curiosamente, algo extremamente análogo ao *setting* terapêutico de um psicólogo: ambos, no manejo de seu papel, confrontam-se com problemas aparentemente contraditórios em relação aos aspectos pessoal e profissional; e, como apontou Hycner (1991), o self do terapeuta – acrescentemos aqui o educador – é intrinsecamente uma parte do processo. Afinal, segundo Jung (2013), a educação só pode ser feita a partir de uma realidade nua, honesta, e nunca de uma imagem real deturpada.

REFERÊNCIAS

BUBER, M. *Eu e Tu*. Introdução e tradução por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2015.

CHABOT, D.; CHABOT, M. *Pedagogia emocional: sentir para aprender*. São Paulo: Sá Editora, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, E.P.; SOUZA, A.R.O. Educação, vivência emocional e processo libertador. *Impulso*, Piracicaba, v.25, n.63, p. 87-100, 2015.

GROESBECK, C. J. A imagem arquetípica do médico ferido. *The journal of Analytical Psychology*, Sacramento, v.20, n.2, p.73-96, 1975.

HYCNER, R. *De pessoa a pessoa*. São Paulo: Summus, 1991.

JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, R. F. Nas pegadas de Quíron, o curador ferido: manejo de teoria e técnica no campo transferencial à luz da Teoria dos Campos. São Paulo. 111 p. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

RÖHR, F. Espiritualidade e educação. In: *diálogos em educação e espiritualidade*; Röhr, Ferdinand (org.). Pernambuco: Formação Humana, 2012.

SANTIAGO, M.B.N. *Diálogo e educação: o pensamento pedagógico em Martin Buber*. 18 de abril de 2008. 348 p. Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

VERGUEIRO, P. V. Identidade de professor: uma pesquisa fundamentada na psicologia analítica. *Psicologia revista*, São Paulo, v.18, n.2, 203-229, 2009.